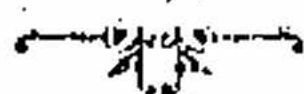


BENEDICTO XAVIER



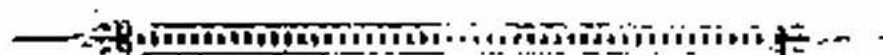
CONTOS

DA

ROÇA



Gustavo, o laçador.—O dorminhoco.—Um
casamento no sertão.—O fiasco do João Barnabé.
Rapto.— Por um derriço...



S. PAULO
Typo-Lithographia Ribeiro
1898

✱ BENEDICTO XAVIER ✱

CONTOS

DA

ROÇA

Gustavo, o laçador — O dorminhoco — Um casamento no sertão — O flasco do João Barnabé — Rapto — Por um derriçó...

15.524
MR

VIII
869.3345
X 3 c

OBRAS DO AUTOR

MAXIMAS E PENSAMENTOS

folheto 2\$000

EM PREPARO

ANGELINA—(Romance original.)

PALAVRAS TOSCAS—(Contos.)



Duas palavras

A QUEM ME LER

Aos caracteres serios e bem intencionados confio o presente trabalho, fazendo votos para uma critica severa, imparcial e justa, mas honesta, para que eu possa, apprendendo nos seus ensinamentos, seguir a estrada tortuosa e brava das lettras.

Mais: Não escrevo para alcançar lóas com este e os demais trabalhos que pretendo publicar, nem para elevar minha obscura entidade, que folgo immenso de ver sempre e sempre na humildade e na insignificancia.

Desvaneço-me apenas com a alegria do meu trabalho honesto e com o desenvolvimento da minha penna.

Isto, ao menos, consola-me; e quantos, hoje, poderão gabar-se desta ventura?

S. Paulo, 7 de Abril de 98.

P. G.

Ao Dr. Manoel Viatti.

Gustavo, o laçador

GUSTAVO, O LAÇADOR

I

Montado no seu velho matungo, o Gustavo ia cortando a estrada, sob um sol ardente de Agosto, e a poeira do caminho se levantava alta, em curvas, á marcha impaciente do animal ainda esperto. Grande laço á garupa, pala sobre o hombro, cigarro ao canto da bocca, chapéu de palha, de enormes abas, ao alto da cabeça, lenço vermelho, de chita, comprido, formando um laço no pescoço, chilenas presas nos pés descalços.

—Eh! lá, eh! lá, nhô Gustavo,—gritou, com a sua voz rouca, o Sebastião, da porta da venda, levantando-se de sobre uma sacca de arroz.

Gustavo, o laçador de bois, voltou de repente a cabeça e parou o animal. Depois virou, passou as chilenas no matungo e estacou á porta da venda do Sebastião.

—Fortinho, não, nhô Sebastião?—disse, estendendo a dextra, firmando-se nos estribos e curvando-se algo para a frente, sobre o dorso do cavallo.

—Quá, não vê?... anssim, anssim...—respondeu o Sebastião, alçando também a dextra.

—Calô desgraçado, heim? E passou as mãos na crina do animal, para limpar o suor, segurandó as redeas na bocca.

—E'... Deus permitta que chova—disse o Sebastião, enrolando um cigarro—Mas, nhô Gustavo, apeie a tomá uma qualqué coisa...

—Muito agardecido, nhô Sebastião; mais porém agora eu arregeito...; p'ra ôtra veiz...

—Tá bão—fez o Sebastião, movendo a cabeça para um lado. Metteu as mãos nos bolsos, olhou sorrindo para o laçador de bois e atirando com a bocca a ponta do cigarro:

—Vae vê a nhá Eliza, heim, damnado?...

O Gustavo, que não sabia mentir, ageitou as redeas, olhou para o outro e sorriu:

—Eh! eh! eh!... isso lá é... E, depois, dando a mão:

—Antão-se inté a vorta; chocalhou as chilenas no animal, que saltou, desaparecendo adiante, na curva sinuosa.

Meio dia.

Aqui, além, no seio da matta, o estridor incessante e monotonico das cigarras, agitando as suas transparentes azas, faz-se ouvir, perdendo-se no ar immovel, duma atmosphera abrazadora e modorrenta.

II

... O sol já estava quasi a dobrar os cerros, quando o Gustavo chegou ao povoado. Magnifica tarde de domingo, aquella! O laçador de bois, apeiou-se, deitou o pala cinzento sobre o lombilho, tirou vagarosamente as redeas de sobre o pescoço do cavallo, e prendeu-as alli perto, num tronco de arvore decepada; deu com o cabo do chicote na anca do animal, para que este avançasse um pouquinho para diante; abriu bem as pernas, segurou o chicote embaixo do braço, passou o dedo index da mão esquerda pela testa, tirando o suor, puchou da orelha um cigarro comprido, de palha, accendeu-o, e caminhou.

—Bôas tarde, p'ra vanceis tudo...—disse o Gustavo, entrando na venda do Domingos, seu compadre e camarada antigo, fazendo tilintar no chão as chilenas enferrujadas.

—Bôas tarde... bôas tarde, nhô.—res..., ponderam morosamente algumas vozes.

—Por aqui tudo bão, heim, compadre?
—perguntou, cumprimentado ao Domingos.

—Seim maió novidade, compadre...

O laçador de bois sentou-se proximo, num banco, junto ao Barnabé. Travavam ambos conversa. enquanto o Domingos, debruços no balcão, braços cruzados, em mangas de camisa, conversava com alguns boia-

deiros, que estavam á porta uns, outros dentro, sentados sobre os calcanhares, a picarem pachorrentamente cordas de fumo, com amolados canivetes pontudos, de largas laminas, para cigarro. Carros de bois, estacionavam parados em frente á venda; e os animaes vigorosos, olhos parados tristemente, cabeça baixa, como que pensativos, cauda em circumferencia sobre as ancas, movendo de espaço a espaço as orelhas, onde pousavam moscas teimosas, ruminavam, deixando cahir da bocca uma espuma branca, que escorria em linha verticalmente para o chão. Houve um pequeno silencio entre o Gustavo e o Barnabé mas, de repente, o primeiro :

—E eu vô indo lá p'ra cima... eh ! eh ! mecê já sabe... E tomou do calice de pinga, que o esperava no balcão, fazendo, num gole, o liquido rolar pela garganta abaixo ; estalou com força a lingua, fechou os olhos, contrahiu as sobrancelhas, depositou o calice no balcão, e a pedido do Barnabé, sentou-se novamente, cruzando a perna direita na esquerda. E enquanto o Barnabé contava pesaroso umas rugas que tivera na vespera entre elle e a sua metade, o Gustavo, com a cabeça baixa, apromptava um cigarro, vagarosamente, bambolecando a perna, escutando-o.

III

Escureceu de todo. Uma lua doce, muito pallida, surgia agora, no azul dos céus ; e, estrellas piscando, alvejavam timidas no alto.

O Gustavo, não dando demonstra-

ções de irritação, arranjou as chilenas, que havia tirado, montou a cavallo e, partindo a galope, desapareceu por detraz dum mattagal. A triste nova, dada pelo Barnabé, de que Eliza, a filha do nhô Pedro, do botequim, havia fallecido, naquelle dia mesmo, o impressionou e entristeceu demasiadamente. «Eliza, a joven e vigorosa camponeza, por quem elle sentia o quer que era de singular no coração, havia pouco morrêra! Era impossivel, não podia ser!... pensava.

... Lá muito embaixo, isoladamente, desenhava-se uma casa, tranquillã e pobre casa de sertão. O laçador de bois, chegado alli, entrou; os olhos desmesuradamente abertos, espreitavam.

IV

Gustavo, enxugou algumas lagrimas na manga da camisa de algodão, prendeu mais a calça com a grossa correia que lhe servia de cinta, e parou á porta dum quarto pobre, tímido e hesitante.

V

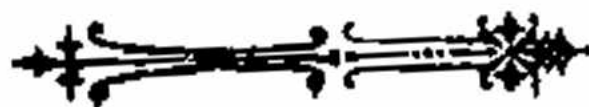
Ahi, sobre uma mesa, um caixão mortuario; e, em torno delle, quatro velas de cêra, crepitavam. Eliza, lá estava, os cabellos pretos, soltos, em ondas, pallida, olhos cerrados levemente, mãos entrelaçadas sobre o peito, toda de branco, dormindo o somno da eternidade. A morte tremenda não lhe roubára, porém, a formosura.

Acc. de. Gullio de Campos

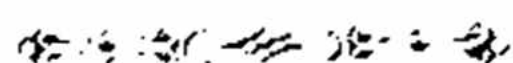
O dorminhoco

VI

... **Approxima-se.** Sente que as forças se lhe esvaem a pouco e pouco e como que a estalarem as suas fibras. Olha sorrindo para Eliza, como não crendo que ella dormisse esse somno mysterioso da morte. Passa depois os dedos pelo o cabello liso, bast e secco, o olhar em fogo, as faces appopleticas. Parece vê-la agora no somno infindo da eternidade. E, imprimindo-lhe na fronte fria um beijo ardente de paixão e de saudade, sahe allucinado, correndo sem rumo, vertiginosamente, pelos campos verdejantes, infindos, allumiados apenas, esplendidamente, do alto, pelo luar que estendia levissimo o albornoz das neblinas...



O DORMINHOCO



I

Domingo. Sol rútilo e abrazador. O bairro em festa. Distantemente, o sino da igreja repicava alegre, convidando os devotos á missa das oito horas.

O Seraphim, encostado á porteira, braços cruzados sobre o varal, todo preguiçoso, olhava além para a estrada tortuosa, em frente, toda vermelha, vendo com uns olhos vagos, de quem sofre hypochondria, o passar das mulheres, com seus vestidos muito rijos de gomme, chale ás costas, guarda-sol á mão, acompanhadas do marido e filhinhos; homens barbados, descalços, chapéu molle, armados de cacetes; rapazes gingando. Todos caminhavam alegremente, em direcção á igreja, situada em alegre e vistoso planalto. Só elle não ia á missa, não ia á festa : não pedira permissão ao major Pedroso, de quem era camarada havia muito.

II

—Nhô Seraphim, ô nhô Seraphim, di-nho!... vamo!...—dizia o Theodoro, outro camarada do major, sacudindo de leve o dorminhoco, que cochilava sobre a porteira.

—Heim?... quê? — resmungou, despertando, com cara de somno, espreguiçando-se.

—Eu tã pidi licença p'ra seu majô: vamo vê a festa... anda, coisa má... O dorminhoco debruçou-se sobre a porteira, descansou o pé no varal, embaixo, e firmando o olhar no de Theodoro, perguntou:

—Mecê não tá caçando?... mecê pidiu memo, heim? Oi que o majô não é certo...

—Ora... tã pidi... tô dizendo, vamo...

O Seraphim, então, agachando-se, firmou as mãos nos joelhos, enfiou, assim de lado, a perna esquerda entre dois varaes e, levando o resto do corpo, transpôz a porteira. Fechou o paletot, endireitou o lenço no pescoço, bateu com força o chapêu na palma da mão, para tirar a poeira, arrumou-o devagar, de banda, na cabeça, arrebitou a aba e, olhando de esguelha para o sol, seguiu.

III

O sino ainda repicava. Foguetes subiam cêleres, rebentando no ar; o pequeno largo da igreja, muito adornado de bambús e de bandeirinhas de papel multicolor, estava alegre, transbordante de povo; quitandeiras postavam aqui, alli, pelo pateo. A procissão deveria sair naquelle momento, após a missa.

O sino, de repente, parou. Uma banda de musica, no coreto ao lado, executava uma marcha.

IV

No meio desse rumor ao sahir duma procissão, o dorminhoco perdêra-se do Theodoro. Resolveu então voltar. Quando a procissão deu entrada na igreja, sob os repiques agudos dos sinos, o dorminhoco achava-se muito teso a um lado da porta. Desappareceu, porém, de repente. E enquanto um padre enorme, cor de pimentão, cara bala e nariz adunco, parecendo-lhe querer entrar-lhe pela bocca a dentro, pregava, o Theodoro corria os olhos azues, espantados, por toda a igreja, procurando ver o Seraphim.

Nada. Fora, caipiras, de cigarros á bocca espreitavam o sol. Onze horas; terminada a festa.

V


Logo pela manhã do dia immediato, o velho e grave sachristão, de grandes olhos azues, orelhas enormes, rosto enrugado, abriu a igreja.

. . . Lá dentro, bem ao fundo, proximo ao altar-mór, na sachristia, cheia de santos, o soalho muito pisado de pés e, sobre uma commoda, vestes ecclesiasticas e paramentos em desalinho. O sachristão, abriu devagar a porta, dando duas voltas na fechadura e, surpresa viu um corpo de homem estendido dormindo. Approximou-se e notou um typo anemico, ar doentio, todo esparreado num velho sofá, cabeça cahida para

UM CASAMENTO NO SERTÃO



I

 Jesuino, com a mão na viola, cantava estes versos, no quintal, muito allumiado pela pallidez jaspeada da lua :

Quando cheguei na porta,
Logo vi que ella gemia ;
Coitada da minha amada.
Tá na urtima agonía...

E o Estevam, que o acompanhava, fazendo o pinho gemer, dizia :

Coitada da minha amada,
Tá na urtima agonía...

As violas gemiam, gemiam e, de repente, continuava o Jesuino, com a cabeça alçada, olhando p'ra lua :

A morte que matou ella
Matou-me a mim também;
Não gosei com minha amada,
Não goso com mais ninguém...

E o Estevam concluía :

Não gosei com minha amada.
Não goso com mais ninguém...

A Joanna, que escutava de perto, sentada ao limiar da porta da cosinha, ria, ria.

muito. E o Zacharias então, que não cabia em si de contente, batia palmas, dizendo:

—Mais um pouco, nhô Jesuino, mais um pouco... O Jesuino apertou as cordas da viola e começou sósinho:

Eu passei o mar a nado,
No fundo duma tigella,
Arriscando minha vida
P'ra mode moça donzella...

Arriscando minha vida
P'ra mode moça donzella...

Quem quizê caçar rolinha
Faça buia na roseira
Quem quizê moça bonita
Faça buia n'algibeira...

Quem quizê moça bonita
Faça buia n'algibeira...

Quem quizê caçar macaco,
Faça laço na campanha,
Eu já sou macaco véio
Quarquê laço não me apanha...

Eu já sou macaco véio,
Quarquê laço não me apanha.

Parou a viola, parou a cantiga.

— Muito bem. muito bem—fazia entusiasmado o Zacharias. A Joanna continuava a rir; e voltando-se para um lado:

— Que tal, hein?

— E' damnado memo p'ra viola, é
respondeu o tio Vicente, que até ali se conservára quêdo, num canto, namorando a lua.

De repente, appareceu, de pala enfiado a

pescoço, de tamancos, um homem alto, de pouca barba. Era o nhô Fidencio, « o homem dos cargueiros » como o conheciam.

Com a chegada do Fidencio, caipira muito alegre e pandego, todos começaram a dançar um forte batuque, a pedido d'elle :

Tá, tará, tá, tá, bum, bum . . . E a Joanna requebrava-se toda no meio dos homens. E o Fidencio batia com força os tamancos no chão duro ; e o Jesuino com o Zacharias, empunhando as violas, sapateavam com a Thereza e a Custodia ; e o som dos tamboriletes enthusiasmava a todos, sobremaneira.

II

Enquanto o batuque lá fóra, no terreiro, rugia forte, cejava-se na sala alegremente.

Mulatas, de vestidos brancos, muito alvos, rosas na cabeça, davam uma certa poesia áquella ceia, onde se viam homens graves, caras de ursos. Às 9 horas, todos se retiraram da mesa. Começou então o baile, aos sons agudos e sussuerantes de duas violas, qual dellas a melhor, manejadas maravilhosamente por dois caboclos robustos e mal encarados, sentado um ao pé do outro, a um canto, a perna direita sobre a esquerda, o instrumento por cima da coxa, verticalmente, os olhos em alvo no tecto da saleta pobre.

Ouvia-se de vez em quando um choromingar de criança, o ralho de uma mãe, uma gargalhada estrepitante dum caipira. Homens, de bigodes cahidos ao canto da bocca, roupa

e botinas de pouco preço, gravatas amarradas, caras de idiotas, pontas de lenços aparecendo na algibeira, dançavam, sem saber como dançavam, às tontas . . .

III

Lá dentro, na sala de jantar, caiada de branco e sem forro, está collocado um barril de pinga. Vem um, outro e mais outros bebem, enxugam na manga a bocca. Voltam dahi a pouco, bebem novamente e, em alguns minutos, o barril está vazio . . .

IV

O velho relógio, preso á parede, coberto de teias d'aranha, bate meia noite. A pouco e pouco, cada um vae se despedindo :

— Inté logo, mecê discurpe alguma coisa.

O rumor da casa vae baixando.

V

O Jesuino e o Estevam sahiram por ultimos, violas em baixo do braço, rindo e cambaleando, com saudades da pinga, que se acabára.

. . . Amanhece. Manhã esplendida. O pesado rolar dos carros de bois vem acordar o Fidencio, que se espreguiça, muito cansado do samba. Gallos cantam, e ouve-se um rumor grande de tropa pela estrada, em caminho da cidade. O Fidencio veste-se de vagar

de Carlos Ribeiro

O fiasco do João Barnabé

enquanto a nhá Beatriz aprompta o café.

— O café tá na mesa, nhô Fidencio — grita de repente, o voz forte de nhá Beatriz.

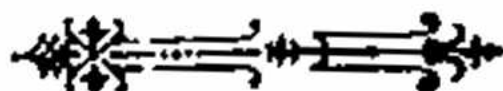
— Tjá vô . . . E entra na cosinha, toma vagarosamente o café e sahe. Vae p'ra venda do João Mocótó alli perto, em frente.

E' domingo ; sete e meia da manhã.

VI

Quando o Fidencio penetrou na venda, o João Mocótó com o seu nariz comprido, rosto pallido, perguntou, depois de o cumprimentar : — Antão-se, nhô Fidencio, que tar a festança de honte, hein ?

— Chi ! nem pergunte : inté tinha na mesa Perú rinchado ! . . . E emborcou meio martello da branca.



O FIASCO DO JOÃO BARNABÉ

I

Muito além da Matriz que sobressa-
hia no alto da elevada collina, ao lado dum
frondoso bosque, via-se uma choupana, a
única daquelles sitios taciturnos.

Todas as noites, alli pelas nove, um
vulto alto de sertanejo descia vagaroso por
uma das ruas pobres da villa, em serenata,
repinicando a viola.

E, ao approximar-se daquella vivenda,
assim cantava :

Botei meu barco ao mar,
Com estandarte portuguez,
P'ra vê se assim conduzo
Meu bem commigo outra vez...

P'ra vê se assim conduzo
Meu bem commigo outra vez...

Eu fui aquelle que esteve
Detraz do lirio deitado,
Chorando lagrimas tristes,
Como quem se viu deixado...

Chorando lagrimas tristes,
Como quem se viu deixado...

Passarinho que cantai
De manhã muito cedinho,
Se cantai p'ra me dar pena
Não cantai, meu passarinho...

Se cantai p'ra me dar pena
Não cantai meu passarinho...

E o vulto seguia silencioso, tocando a viola, cujas notas saudosas iam penetrar fundo n'alma da Ritinha, que, já deitada, anciava por ver o autor daquellas trovas, cuja voz não lhe era de todo desconhecida.

II

... Uma noite, formosa e suave noite de luar, ella levantou-se, pé ante pé, a camisa de cambráia desenhando as fôrmas robustas, os cabellos cahidos para as costas, cobrindo as omoplatas. Entreabriu a janella, sem ruido. A voz rouca do sertanejo terminava:

Chorando lagrimas tristes
Como quem se viu deixado...

Enorme satisfação se desenhou no rosto virginal da Ritinha, reconhecendo naquelle vulto a figura sympathica do João Barnabé, do seu antigo amado, que ha tanto tempo seus olhos não viam.

... Devagarinho conversaram durante muitos minutos.

III

Passou-se um mez. Certa manhã, o João Barnabé, apresentou-se á casa da Ritinha, bateu palmas.

— Ora entre, nhô Birnabé, entre. . . disse o Santiago, um homem baixo, em mangas de camisa, grande barriga, com uma barba pre-

To Professor Izidra Denoci

Rapto

ta e maltractada, cobrindo-lhe o rosto vermelho e cheio. Os dois, a sós na salinha pobre, sentados, fumavam. O João Barnabé não sabia como começar.

Muito nervoso, meio tímido, meio vacilante, gaguejou enfim, atirando para um lado, a ponta do cigarro comprido, de palha grossa, de fumo forte:

— Nhô San... San... tiago... e... eu ven... ven... venho pedi p'ra van... van... cê u... u... má licen... licen...ça.

— Pois mecê sabe, eu podendo servi... a

O João Barnabé correu os olhos pela saleta, tossiu, escarrou e disse, amarrotando o chapéu mole, tremulo, como uma folha o passar da viração:

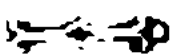
— A... a... sua fi... fi... a em arren... arren... damento!... O Santiago, muito espantado, arregalou os olhos e levantando-se:

— Em arrendamento?!... Minha fia?...

Como, nhô?... Uae!...

Mas o João Barnabé, vermelho como lacre, perplexo, muito nervoso, emendou logo, notando o seu engano:

— Nhôr... nhôr não, em cá... cá... sa... men... to...



RAPTO

"m. 2. 3. 4."

I

Emquanto o Malaquias movia-se no rancho, de um lado para outro, ligeiro, arranjando em cargueiros barris de pinga, a Josephina, já muito cedo, dava também mil voltas pela casa. Penteava o cabelo, vestia-se às pressas, amarrava uma fita cõr de rosa ao alto da trança longa e preta, varria a casa e, depois de tudo arranjado, vinha postar-se á porta, mãos nos quadris, tendo os olhos cravados ao longo da estrada.

II

Aos sabbados, quando o sol apontava ao longe, com seus raios penetrantes e luminosos, o Malaquias também apontava lá em baixo, na curva da estrada, fustigando os dois burricos desferrados. Era então de vêr-se a alegria da Josephina, ao enxergar o Malaquias, ao longe. Olhava p'ra dentro, p'ra fóra, cantava baixinho, brincava com a trança, endireitava-se toda, á passagem do caipira. O Malaquias, parava e dizia rindo:

- Bão dia, nhá Josephina . . . tá bôa ? . . .
- Bôa, obrigada, e o sinhô ?
- Também bão . . . eh! eh! . . . agardecido...

E tocando os burricos, estrada em fôra:
— Inté logo intão, meu coração . . . eh ! eh !...
— Inté logo, meu amô. . .

. . . Do alto, o Malaquias voltava-se, e os seus olhos de caboclo encontravam-se com um acenar forte de lenço, que a bella morena sacudia no ar, entrando depois, muito contente de vêr o seu caro Malaquias, o «seu noivo.»

III

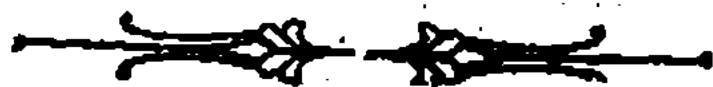
Pelas noites enluaradas, quem passasse por lá , teria occasião de ouvir, vindo do fundo do pequeno quintal, uma sibilação de ss ; e, firmando bem a vista, viria embaixo de umas bananeiras, a figura esguia do Malaquias e a faceira Josephina, sentados ambos, muito juntinhos, como dois anjos cahidos do céu . . .

IV

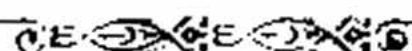
Assim passaram elles durante alguns meses. Um dia, domingo de Abril o nhô Felisberto, pae da Josephina, déra por falta desta.

E debalde chorou, indagou, procurou, rogou pragas.

O Malaquias e a Josephina, passavam a lua de mel muito longe, num sitio, zombando d'elle, por não consentir-lhes casar....



POR UM DERRIÇO...



I

CHUVA A CANTAROS

Passava então pela estrada infinda e vermelha, de volta do mercado longinquo, o Manoel Gostozo, que se vira obrigado a entrar na venda do nhô Gaudencio, a uma legua ainda distante do sitio de seu Dr. Passos.

Um vento rijo rugia no espaço; as enxurradas, humidecendo os campos e as campinas verdejantes, vinham encher a estrada d'areia; e as arvores, baloiçando violentas, choravam folhas que esvoaçavam, caprichosas pelo ar, como borboletas verdes, pequenas e escuras, no meio das compridas e prateadas cordas d'agua,

—Dianho de tchuva sem préposito ... depois dum dia tão bão de calô. . ., — disse, e pegou nos dedos do nhô Gaudenio, deixando lá fóra, na porta, redeas ao chão, o magro e somnolento *pampa*.

Depois cumprimentou a uns outros e encostou-se, todo mãos nos bolsos, ao balcão a observar as torrentes d'agua.

—Antão-se, nhô Manoé, não paga nada? . . . —requereu o nhô Quim, com um risinho muito doce de caipira esperto, franzindo o nariz

— Ladrão!... vá robá nos quinto, damnado!...

Nhò Bento, avançou, mas, uma bofetada do caboclo o prostou por cima dumas garrafas, e o nhò Chico, conquanto a questão não fosse com elle, injuriou-o, sendo repellido pelo Manoel Gostozo, que lhe dera uma vibrante relhada, que si não fôra a victima firmar-se á mesa, cahiria tambem...

II

Depois da tempestade, o vivificante astro do dia, appareceu, mas já no horizonte.

O caboclo montou no *pampa* e partiu, satisfeito de ter ensinado áquelles « dois catchorro. »

A's 5 da tarde, chegava o Manoel Gostozo ao sítio de seu Dr. Passos.

Quando, lá bem ao fundo, defronte do rancho coberto de sapê, o caboclo tirava os arreios do animal, ouviu uma voz aguda de mulher perguntar da porteira:

— Nhò Manoé, nhá dona, muié de seu Dr. istá?... Elle, então, olhou e disse, com a sua voz rouca:

— Tá... tjá vô abri... E largando tudo correu.

— Bas talde, nhò Manoé.

— Bas talde... bas talde, nhá moça, eh!... eh!...—fallou, levando a calosa mão ao queixo redondo da Gabriellinha—uma que se casára havia pouco com o preto Felisberto, do Coronel Feitoza.

- Tá bão, nhô Manoé, não s'ingrace, hein?
- disse, franzido o sobreceinho
- Eh!... hum!... hum!... não zangue...

E no momento em que elle a convidava para ir alli pertinho, alli no bosque, que se estava avistando, logo alli, um vulto gigante de negro surgia de repente, de dentro da matta.

O Manoel Gostozo viu diante de si o marido da Gabriellinha.

III

O que qué antão-se, miserave?... disse,—imperioso, o olhar esbrazeado, pegando-o no pescoço, apertando-o, quasi asphixiando-o...

O Manoel Gostozo, com as faces afoqueadas, procurava uma arma qualquer. Inesperadamente, porém, o Felisberto saccou de uma faca, cravou-a com força, deshumanamente, bem fundo, com braço firme, firme o corpo, no estomago do Manoel Gostozo, que, revirando os olhos, entreabrindo a bocca, cahiu exanime p'ra traz.

A Gabriellinha, rapariga muito nervosa, tremia como a luz de uma vela tocada pelo vento, chorava quasi, vendo o sangue do pobre — Manoel correr como agua.

— E p'ra tu, sá sem vergonha, p'ra tu, muié atôã, tem isto. E mostrou-lhe uma garrucha.

A mulher approximou-se soluçando, os seios agitados, timida, muito timida, como se tivesse commettida uma grande, uma imperdoavel falta:

— Meu Deus! . . . Não, Felisberto! . . . Socorro! . . .

O negro, porém, recuou dois passos, o olhar fixo na mulher e, encolerizado em extremo, apontou a arma, disparando-a.

A Gabriellinha, sem dar um só gemido, levou as duas mãos ao coração, varado pelas duas balas, fechou as palpebras, virou duas vezes e cahiu pesada, como um tronco fardore derribado por continuas machadadas. . .

Estendidos ambos na lama, o negro seguiu, tranquill e vagarosamente, estrada a fóra. As aguas dos ribeiros corriam barren-tas, por entre os hervações e além balouçavam uivando chorosas as franças compridas e ramalhudas dos velhos pinheiros, ao passar esfuziante do vento.

Anoitecêra de todo. Nos brejaes de em torno coaxava roufenho e lugubre o côro das rans.



INDICE



INDICE

	<i>Pags.</i>
<i>Duas palavras</i>	<i>I</i>
<i>Gustavo, o laçador</i>	<i>1</i>
<i>O dorminhoco.</i>	<i>7</i>
<i>Um casamento no sertão.</i>	<i>11</i>
<i>O fiasco do João Barnabé</i>	<i>16</i>
<i>Rapto</i>	<i>19</i>
<i>Por um derriço</i>	<i>21</i>



Errata

Na confecção deste livro, apesar de todo o cuidado, escaparam alguns erros typographicos, que o leitor intelligente corrigirá; taes como: *derriçó*, no frontespicio; *parecendo-lhe*, em vez de *parecendo*, e alguns outros.
